
“2005 será o início da revolução no ensino”

Entrevista do ministro da Educação, Tarso Genro, publicada no Jornal da Comunidade no dia 08 de agosto de 2004.

2005 será o início O Brasil tem hoje 97% das crianças e adolescentes na escola, porém, o ensino público é deficiente, a maioria dos prédios que abrigam os alunos está em péssimo estado e todo ano ocorre greve de professores insatisfeitos com os salários que recebem. Esse problema é antigo. Passa governo, entra governo e o problema continua. Quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a presidência e indicou o então senador e educador, dono de um currículo admirável, Cristovam Buarque, para o cargo de ministro da Educação, muita gente da área vibrou. Todavia, menos de um ano depois a teoria de Cristovam não saiu do papel e de uma maneira não muito elegante ele foi retirado do cargo. Tarso Genro (foto), o novo homem da educação, está desenvolvendo nesse ano mais de 250 programas de educação e formação, dando atenção ao ensino superior, promovendo intercâmbio de informações entre o Brasil e outros países e tem como meta começar a revolucionar o ensino básico do país a partir do ano que vem. Em entrevista exclusiva ao jornal da Comunidade, o ministro da educação, Tarso Genro, fala das críticas de Cristovam, do processo que deverá qualificar o ensino básico brasileiro, do freio nas universidades particulares e da importância do apoio brasileiro à educação de países africanos. O senador e ex-ministro Cristovam declarou que o MEC está dando muita ênfase ao ensino superior e está deixando o ensino básico de lado, o que para ele seria um erro. Qual a opinião do senhor sobre essa crítica? O que a gente faz para o ensino superior tem muito mais reflexo na mídia do que as ações para o ensino básico e como o Cristovam está acompanhando pela mídia, ele tem essa convicção. Mas ele está equivocado, o que tem de novo é que nós passamos, sim, a prestar atenção também no ensino superior. Nós estamos não só dando continuidade ao bom trabalho que ele fez no ensino fundamental, como também ampliando a intervenção do MEC na educação de base, que sem ela não tem nem bom ensino superior, nem projeto de país.

Jornal da Comunidade - Ele deixou o ministério de forma traumática. O senhor acha que ficou alguma mágoa nessa troca de cadeira?

Tarso Genro - Da minha parte não. É natural que existem incompreensões e que ele inclusive tenha uma forte posição de cobrança no governo como parlamentar vinculado à educação que ele é. Mas o Cristovam é uma pessoa tão especial que tudo o que ele diz só contribui para o nosso trabalho.

JC - No último exame do SAEB(Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) a média nacional do ensino básico ficou abaixo dos 500 pontos. Isso demonstra que o ensino médio e fundamental está muito fraco. O que tem sido feito para melhorar esse índice?

Tarso - A questão estrutural é o refinanciamento do ensino básico do País. Nós precisamos de mais recursos para formar melhor e pagar melhor os professores e dar um aparato físico e técnico nas escolas mais qualificadas, para que essa grande conquista que tivemos nos últimos trinta anos, que foi a universalização do acesso, se transforme também em qualidade e não somente em acesso. O nosso objetivo é transformar o ano que vem no início da revolução da qualidade do ensino básico do Brasil, que envolve, portanto, a pré-escola, o ensino fundamental, o ensino médio e técnico. Isso será possível através dos programas de educação e formação que nós começamos a desenvolver nesse ano, cerca de 250 programas que atendem desde a alfabetização de jovens e adultos até programas de excelência e pós-graduação e, sobretudo com o financiamento que a transformação do Fundef (Fundo de Financiamento do Ensino Fundamental) para o Fundeb (Fundo de Financiamento do Ensino Básico) onde nós devemos ter mais recursos, portanto, aportar mais condições para os estados e municípios trabalharem melhor. É sempre bom destacar que o MEC não é um executor do ensino básico. Ele é um programador, condutor e financiador. Os gestores do ensino básico no Brasil são os estados e municípios.

JC - O MEC incluiu no currículo oficial do ensino médio a disciplina História e Cultura Afro-Brasileira, mas existem professores qualificados suficientes para ensinar essa matéria?

Tarso - Suficientes não. Entretanto, esse processo de mudança curricular sempre tem um processo de adaptação. É um processo de adaptação num país do tamanho do Brasil sempre demanda tempo. Uma nova disciplina exige novos professores, então há um aproveitamento dos existentes e depois uma expansão de licenciatura do ensino superior visando a formação desse professor. O importante é termos desde o início um planejamento rigoroso para que se tenha num prazo de quatro ou cinco anos um resultado positivo.

JC - Como o MEC vai fazer para frear a onda das universidades privadas?

Tarso - Nós já tomamos uma série de medidas concretas por portaria de maneira provisória, dando ordem à tramitação dos projetos e impondo determinadas condições particularmente nas áreas da saúde e do direito porque a proliferação era mais irresponsável. Nós queremos que por meio da reforma das universidades nós tenhamos um rito muito mais rígido para a permissão do funcionamento das instituições privadas, valorizando aquelas

que são efetivamente voltadas para o ensino e eliminando aquelas não têm sentido educacional, que são verdadeiros caça-níqueis.

JC - O senhor levou a educação à distância para São Tomé e Príncipe e anunciou que o Brasil vai ajudar a implantar a primeira universidade pública de Cabo Verde. Em que aspecto essa aproximação com a África é boa para o Brasil?

Tarso - Essa aproximação tem um significado especilíssimo para o Brasil. Primeiro porque é uma relação que resgata o valor cultural e político extraordinariamente importante para nós sobre regiões das quais vieram muito escravos para o Brasil. Então é um dever moral e um relacionamento correto de nossa parte. Segundo, o continente africano tem uma dimensão econômica estratégica. Países como o Brasil precisam que a África se desenvolva para que sejam bons parceiros econômicos e, conseqüentemente, políticos.

JC - Foi lançado no Fórum Mundial da Educação em Porto Alegre o programa Escola de Fábricas, que pretende em 2005 criar 500 escolas dentro das fábricas. Como será esse programa?

Tarso - É um programa técnico de formação profissional que será construído de forma articulada com as centrais sindicais, com as grandes empresas e suas representações, e com o setor de serviços também. A idéia central é utilizar o aparato material e os trabalhadores especializados da fábrica como professores. Esse projeto se destina a trazer o jovem, principalmente da região periférica, onde se situa a maioria das indústrias, que não está estudando ou quer uma formação profissional a ser orientado dentro da fábrica. O ensino técnico tem de ser recuperado no Brasil como elemento essencial da política profissional.